

I CONGRESSO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA



RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PARA ALUNOS SURDOS NO CAES MARABÁ

I Congresso Nacional de Práticas de Ensino na Educação Inclusiva, 1ª edição, de 01/08/2024 a 02/08/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-106-6

COSTA; Renan Torres da¹

RESUMO

É consenso entre os pesquisadores da área que para se ensinar a língua portuguesa para Surdos deve-se partir da língua natural e materna desses sujeitos, no qual é a Libras (Quadros; Karnopp, 2004; Lacerda; Santos; Martins, 2019; Salles et al., 2007). Com isso, seria adequado que o professor regente da língua oral reconhecesse a diferença linguística e cultural dos sujeitos Surdos. Além disso, seria desejável (e utópico) que este fosse fluente em Libras ou ao menos soubesse adaptar as atividades. Contudo, como isso é possível mediante a barreira comunicacional encontrada pelo professor ouvinte e o aluno surdo em sala de aula, levando em consideração que não tenha um tradutor-intérprete de Libras? Quais estratégias metodológicas podemos utilizar? Será que esse professor teve uma formação suficiente no compartilhamento de saberes?

Primeiramente, é necessário compreender que as línguas de sinais são as línguas dos Povos Surdos espalhados pelo mundo. Ao contrário do que muitas pessoas acreditam, ela não é universal, pois cada nação tem suas línguas de sinais próprias. No caso do Brasil, temos a Língua Brasileira de Sinais. Além disso, elas são consideradas línguas pelo fato de possuir todas as características linguísticas das línguas orais, como a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica, a pragmática e um conjunto lexical. A modalidade da línguas de sinais é visual-espacial, sendo produzida pelas mãos e percebidas pela visão, diferentemente das línguas produzidas pelo aparelho fonador que são orais-auditivas.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais são essencialmente classificadas como línguas, uma vez que diversas pesquisas confirmam os mesmos princípios linguísticos presentes nas línguas orais. De fato, é necessário reafirmar essa postura porque há sujeitos que encaram essas línguas como uma linguagem e não como língua.

As línguas de sinais, conforme um considerável número de pesquisas, contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos. (Quadros; Karnopp, 2004, p. 48)

Os estudos linguísticos e, sobretudo, a luta pelo reconhecimento da Libras pelos Surdos como língua ocasionaram na promulgação da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como forma de comunicação e expressão dos Surdos; essa lei é popularmente conhecida como a Lei da Libras. No parágrafo único do Art. 1º,

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

¹ UNIFESSPA, torres.renan181@gmail.com

Nesta mesma legislação, no parágrafo único do artigo quarto, está redigida que a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa (idem). Por esta razão, é proposto que haja uma educação bilíngue voltada para os Surdos, sendo que os sujeitos Surdos devem primeiro aprender a sua língua materna, a Libras, (L1) e a segunda na modalidade escrita, a Língua Portuguesa Escrita (L2 ou LPE).

O aprendizado da criança surda sob a perspectiva bilíngue, é fundamental considerar as implicações dessa interação entre as duas línguas. Essa abordagem não apenas promove a aquisição natural e fluente da Libras como a língua materna, mas também facilita o desenvolvimento da proficiência na LPE. Essa relação entre as duas línguas permite que a criança surda desenvolva habilidades cognitivas e sociais, além de respeitar os aspectos culturais e identitários. Assim, Quadros e Schmiecht (2006, p. 24) afirmam que:

O ensino do Português pressupõe a aquisição da Língua de Sinais Brasileira - “a” língua da criança Surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do Português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimento da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

Para Avelar e Freitas (2016, p. 17), O domínio da Língua Portuguesa é crucial para os estudantes surdos que buscam aprofundar seus conhecimentos, pois a estrutura do português auxilia na revisão dos processos de leitura e escrita. Todavia, no momento da leitura, “é necessário que sejam estabelecidas relações de significado entre a Língua Portuguesa e a Libras. O professor deve perceber a realidade bilíngue do Surdo e compreender que a Língua de Sinais é indispensável na compreensão da Língua Portuguesa escrita”.

Em vista disso, na cidade de Marabá, sudeste do estado do Pará, cerca de 500 km de distância da capital, tem-se o Centro de Atendimento Educacional Especializado na Área da Surdez (CAES). Neste espaço, são ofertados os atendimentos pedagógicos dos alunos Surdos no contraturno na esfera do município, sendo da educação infantil aos anos finais da educação fundamental, bem como os alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos. É importante dizer também que o Centro por vezes ensina os alunos matriculados no Ensino Médio e os que já concluíram. Esses atendimentos são voltados principalmente para o ensino de Libras, com professores Surdos, bem como de Matemática e Língua Portuguesa Escrita para Surdos. Além disso, o Centro oferta cursos de Libras nas escolas, onde os alunos Surdos estão matriculados, e para o público externo, na qual se interessa por esta língua, como também ministra formações para professores ouvintes do ensino comum.

O ensino de LPE para alunos Surdos tem como objetivo regido pelo Plano Especializado Individualizado (PEI), observando os níveis de aprendizagem após aplicação de avaliação diagnóstica. Esse tipo de ensino não deve ser confundido com os assuntos estudados em sala de aula comum, uma vez que este espaço oferta ensino no contraturno e não é uma escola, que tem os conteúdos programados a serem cumpridos de acordo com o currículo da rede municipal. A diferença crucial parte de pelo reconhecimento da cultura e da identidade surda em que as aulas são ministradas em Libras, em concordância com os pressupostos de educação bilíngue para Surdos.

A seguir, têm-se alguns registros das aulas de LPE para um aluno Surdo, matriculado nos anos finais do Ensino Fundamental, na qual é atendido no CAES, fluente em Libras e no nível básico de Português. Esses registros das aulas ocorreram durante o primeiro semestre de 2024. Para uma compreensão melhor, adotamos uma categorização em Registros que irão de A até o D.

Registro A – Aula de vocabulário (cores): Começamos a aula com uma conversa informal sobre o seu dia na escola. Após isso, pudemos trabalhar o nome das cores: (i) mostrei as cores e o aluno teve que fazer em datilologia, mas acabou errando apenas nas cores vermelho, amarelo e branco; (ii) depois fizemos o inverso, com a escrita em português e o aluno tinha que fazer os sinais das cores e então ele acertou todas; (iii) a outra atividade foi escrever no quadro as cores que lhe mostrava, dentre as quais errou apenas a escrita da cor vermelha, esquecendo da letra L.

Registro B – Aula de vocabulário (dias da semana): A princípio, perguntei ao aluno como tinha sido

o dia de aula e depois pedi para mostrar a atividade que havia ficado para casa. Ele mostrou sobre os dias da semana e corrigi as questões e vi que a atividade dele estava molhada e amassada. Então, fizemos uma nova e fizemos a leitura juntos do texto e respondemos as questões também. O aluno já reconhece muitas palavras do português. Mas antes de iniciarmos com o texto, fiz uma revisão com as cores e ele acertou todas no português e também fez os dias da semana, acertando 6 e errando apenas o dia quarta, pois ele colocou o O ao invés do A.

Registro C – Aula de Leitura (Frases do passeio): Na semana anterior, tivemos um passeio ao Museu, à Biblioteca e à Orla. Então, perguntei a aluno se gostou do passeio e o que foi mais legal do dia. Depois disso, trabalhamos com as palavras aprendidas na Semana da Páscoa e do Aniversário de Marabá, sendo as desse último colocadas no quadro: Museu, Biblioteca, Porca de Bobes, Boiuna, Saci, Orla, Rio Tocantins, Rio Itacaiunas, Marabá, Velha Marabá, Aniversário, Bandeira, Livro, Passeio, Lenda. Em frase: (i) O aniversário de Marabá foi na sexta-feira, dia cinco de abril, e tem 111 anos. (ii) Marabá tem muitas lendas: Porca de bobes, Saci, Boiuna. (iii) A Boiuna vive no Rio Tocantins. (iv) Nós fomos passear no Museu e Biblioteca, na Velha Marabá. Também trabalhamos a datilologia dos sinais para fixar o aprendizado com cada aluno de forma aleatória e depois fomos trabalhar dentro do contexto de quatro frases, em que o aluno teve a oportunidade de fazer a leitura sozinho, esquecendo ora ou outra de um sinal. No fim, gravei um vídeo com os alunos que quiseram gravar a leitura que fizeram.

Registro D – Aula de análise linguística (Pronome pessoal): Nesta aula, iniciamos o assunto de pronome pessoal com o objetivo para que os alunos consigam entender as diferentes formas em que o pronome pode aparecer no discurso, uma vez que substitui o nome. Assim, começamos a aula com uma conversa informal sobre o cotidiano dos alunos bem como está a saúde. Após isso, trabalhamos com o quadro em que escrevi o assunto e expliquei o conteúdo, para então colocar em diversos contextos os pronomes e explicar a diferença de Ele e Ela, já os alunos conheciam, e Eles e Elas, que tive mais uma dificuldade para explicar. Depois disso, eu trabalhei com o dado dos pronomes e os alunos souberam responder tranquilamente para então passar a atividade impressa do conteúdo. Assim, passei a atividade e fui tirando as diversas dúvidas que iam surgindo.

O aprendizado da LPE por um aluno Surdo é um processo complexo e multifacetado. Este aluno, ao estar imerso em um ambiente bilíngue, está desenvolvendo significativamente suas habilidades de leitura e escrita em sua L2. O progresso é visível, pois a aquisição da segunda língua vem sendo facilitada através de métodos visuais e interativos, que se alinham melhor com a sua experiência comunicativa em Libras. No entanto, o desafio ainda persiste em adaptar as avaliações escolares para que privilegiem recursos visuais.

Essa situação ainda está distante, principalmente porque muitos professores não reconhecem as singularidades linguísticas e culturais dos surdos marabaenses. Essa falta de reconhecimento e adaptação por parte dos docentes resulta em avaliações que não consideram as necessidades específicas dos alunos surdos. Para que o aprendizado desse aluno avance de forma mais eficaz, é necessário que os professores se conscientizem sobre a importância de implementar estratégias pedagógicas inclusivas. A realidade apresentada é de um professor que ensina português usando a Libras como L1, mas nas intuições escolares é o ensino de LPE a partir da L2.

Referências

AVELAR, Thaís Fleury; FREITAS, Karlla Patrícia de Souza. A importância do português como segunda língua na formação do aluno surdo. **Revista Sinalizar**, v.1, n.1, p. 12-24, jan./jun 2016. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstreams/323a5122-89fd-4e53-822c-94d1c4bbdb05/download>>. Acesso em: 18 de Jul. de 2024.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira (Org.). **Libras: aspectos fundamentais**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

____; SCHMIEDT, Magali L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SALLES, Heloísa Maria Moreira Lima et al. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. v. 2. Brasília: MEC, SEESP, 2007.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa Escrita, Libras, Ensino de L2